

Edição Dupla

arq|ia

ARQUITECTURA E ARTE

Julho|Agosto 2009 | €11,00

críticos-arquitectos.pt

Manuel Graça Dias
José Manuel Fernandes
Victor Neves
Paulo Martins Barata
Jorge Figueira
José Adrião
Luís Tavares Pereira
Nuno Grande
Pedro Gadanho
Pedro Bandeira
Luís Santiago Baptista
Ricardo Carvalho
Diogo Seixas Lopes
Pedro Machado Costa
Gonçalo Furtado
André Tavares
Pedro Baía

Walkshop - Aqueduto das Águas Livres
Arquitectura Norueguesa Contemporânea
Mathieu Lehanneur
Thomas Hirschhorn
Paulo Mendes



ISSN: 1647-077X

World
Architecture
Festival
Barcelona
4-6 November
2009

Paulo Martins Barata

«A crítica de arquitectura é em larga medida produzida por arquitectos»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MARGARIDA VENTOSA

arqla: Tendo defendido estratégias de “sobrevivência da cultura arquitectónica”, perante a estetização e mediatização da “produção crítica”, como interpreta as possibilidades actuais da actividade crítica na arquitectura?

PMB: Ao contrário da crítica de arte, que tem um corpo e uma estratégia disciplinar bem definida, a crítica de arquitectura é em larga medida produzida por arquitectos ou, pelo menos, autores com essa formação académica. Na verdade, deve ser um dos raros campos da estética em que a produção crítica é quase exclusivamente feita por pares; inimaginável por exemplo na música, no cinema ou nas artes plásticas. Decorre também deste peculiar estatuto as suas principais forças e fraquezas. Sem prejuízo de certas correntes universitárias americanas, de influência pós-estruturalista, a matriz europeia da crítica de arquitectura é extremamente objectiva. São arquitectos que descrevem projectos de colegas, problematizando-os nalguns casos, noutros simplesmente interpretando contextos e contingências. Para lá das particularidades do edifício A, do projecto B, ou do autor C, a crítica entendida como construção de “grandes sistemas” é algo que, tal como as ideologias, se pulverizou. A simples possibilidade de construção de um sistema de referências, que suporte um discurso, e que, por sua vez, fundamente uma prática ou um conjunto de práticas, parece-nos hoje irreconciliável com as dinâmicas da profissão. Qualquer tentativa nesse sentido sugere moralismo, artificialidade e, em última análise, redundância. Perante essa

impossibilidade de polémica e a enorme vaga de fundo que constitui hoje o mundo da imagem, o papel da crítica é revelar possibilidades de trabalho fora do *mainstream*; projectos que apontem novos caminhos ou caminhos a que renunciámos, por ignorância ou preconceito.

arqla: Perante a tendência actual para a especialização no campo da arquitectura, que vantagens e desvantagens encontra na diversidade de actividades (projectista, professor, conferencista, editor, crítico, teórico, curador, outro) que desenvolve?

PMB: Obviamente, agrada-me essa diversidade pela riqueza das ideias e experiências que dela resultam. No entanto, parecem-me cada vez mais difíceis de conciliar. O nosso tempo caminha de facto para essa inexorável especialização e, para cada área do conhecimento, são exigidos níveis de concentração que dificilmente se coadunam com esse prazer da dispersão.

arqla: Tendo em conta a sua actividade simultaneamente crítica/teórica e projectual/oficinal, como encara, no seu trabalho, a relação dialéctica entre a teoria e a prática arquitectónica?

PMB: Enquanto as questões da teoria e crítica de arquitectura têm sido quase sempre projectos pessoais ou co-autorias, a produção arquitectónica é desenvolvida exclusivamente no âmbito do PROMONTÓRIO, numa parceria que tem hoje 20 anos, com os meus sócios João Luís Ferreira,



Foto: FG+SG - Fotografia de Arquitectura

Promontório Arquitectos, Fluviário de Mora, 2004-2006

Perante essa impossibilidade de polémica e a enorme vaga de fundo que constitui hoje o mundo da imagem, o papel da crítica, é revelar possibilidades de trabalho fora do mainstream; projectos que apontem novos caminhos, ou caminhos a que renunciámos por ignorância ou preconceito.

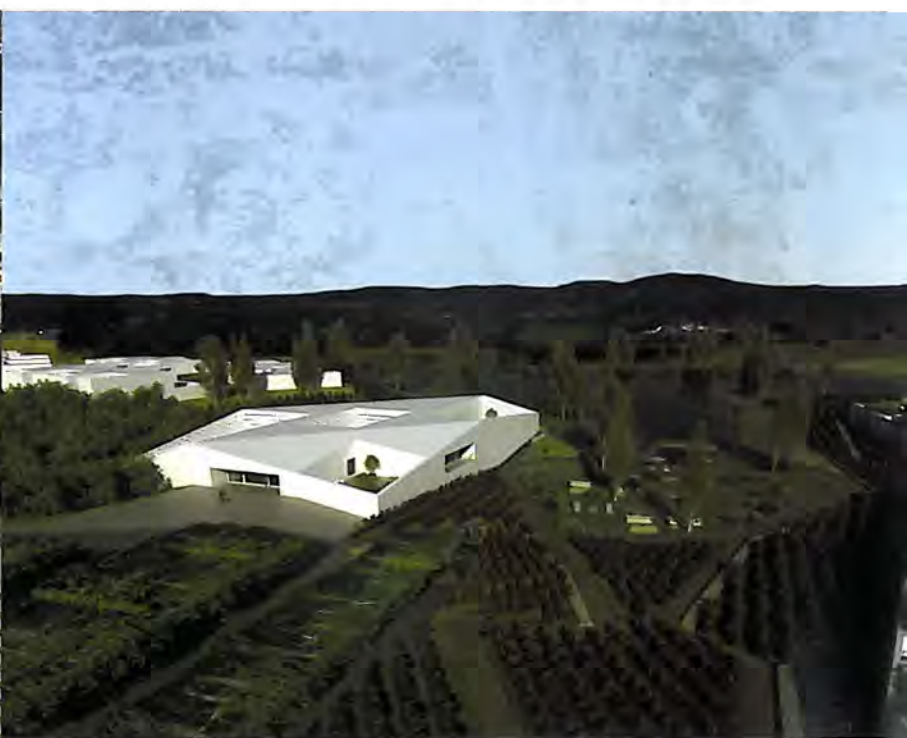
Paulo Perloiro, Pedro Appleton e João Perloiro. Existe, e sempre existiu entre nós, uma grande proximidade de ideias e princípios; e, ainda que estejamos muitas vezes em desacordo, partilhamos uma visão estratégica muito clara daquilo que o PROMONTÓRIO representa, não só para nós, mas para a arquitectura portuguesa. A ideia de uma dialéctica entre a teoria e a prática não deixa por isso de existir, mas a dimensão dos projectos em que estamos envolvidos introduz uma complexidade, uma incerteza e uma irracionalidade, que nem sempre se consegue transpor para os enunciados teóricos em que nos revemos.

arq|a: Como arquitecto e crítico, qual a sua interpretação do panorama actual da arquitectura portuguesa contemporânea?

PMB: Em preâmbulo, recorro que desde a morte de Alvar Aalto, em 1962, a crítica tenta incessantemente encontrar um sucessor finlandês à altura dessa figura tutelar. Infelizmente, a verdade é que nem Viljo Revell, nem Juha Leiviskä, nem Reima Pietilä, nem Kristian Gullichsen, nem, mais recentemente, Juhani Pallasmaa ou Pekka Salminen cumpriram esse desígnio. São apenas e só excelentes arquitectos. A Finlândia parece assim condenada a um perpétuo limbo do qual só encontrará redenção se emergir um “novo” Aalto. Portugal tem hoje em Siza uma figura tutelar com um estatuto histórico semelhante ao de Aalto. A presença de Siza, o seu imaginário, os seus códigos e referências, até a sua intuição, repassam profundamente todo o universo da arquitectura portuguesa.

Siza é sublime, omnipresente e iniludível mas, ao contrário da Finlândia, em que os arquitectos ficaram durante décadas reféns do “estilo” e do “desenho” de Aalto, a arquitectura portuguesa parece não estar refém de Siza – talvez pela inimitabilidade da sua obra. Coerente, rigorosa, estrutural e matérica, a arquitectura portuguesa encontra hoje maior proximidade com as arquitecturas suíça e inglesa do que, por exemplo, com a espanhola. Nas últimas duas décadas, Portugal conseguiu “fazer escola” e consolidar um conjunto de jovens práticas profissionais (...road to wonderland, et al.) que lhe permite antecipar um futuro auspicioso. ■

Paulo Martins Barata é arquitecto pela FAUTL, doutorado pelo Instituto Politécnico Federal de Zurique (ETH) e MBA pela Universidade de Edinburgo. É desde 1989, sócio do PROMONTÓRIO Arquitectos. Fulbright Visiting Scholar da Universidade de Columbia, Nova Iorque, em 1997. Autor de “Álvaro Siza 1954-1976” e “Museu de Serralves”. Publicou ensaios no jornal Expresso, e nas revistas Lotus, Prototipo, Egoista, Techniques & Architecture, A+T, Architecture Research Quarterly e a Daidalos, Architektur, Kunst und Kultur. Foi Cass Gilbert Visiting Faculty da Universidade do Minnesota e Visiting Critic da Universidade do Texas at Austin. Comissário Científico do “Prototipo Seminar in Architecture”, Porto 2001, e da Conferência Internacional da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2008. É Membro do Conselho Directivo Nacional (CDN) da OA. Desde 2003, é Membro do Parlamento Cultural Europeu.



Promontório Arquitectos, Praça de Entrecampos, Lisboa, 2004-2009 • Promontório Arquitectos, L'and Vineyards, Adega, Montemor-o-Novo, 2005-(2011)